

Contra os Pregadores: Vieira no Salão Medieval



Foto João Manuel.

António Fonseca.

O centenário da morte do Pe. António Vieira foi assinalado na Universidade do Minho com a realização de um espectáculo baseado no "Sermão da Sexagésima".

Dando seguimento a uma proposta do actor e encenador António Fonseca dirigida à Biblioteca Pública de Braga, a que o Vice-Reitor Professor Doutor

Vítor Aguiar e Silva deu o seu apoio, o Conselho Cultural da U.M. e a Biblioteca Pública produziram o espectáculo "Contra os Pregadores" que esteve em cena, com assinalável êxito, no Salão Medieval entre 14 de Maio e 15 de Junho, atraindo cerca de mil espectadores.

Do programa do espectáculo respigaram-se os textos a seguir reproduzidos.

Antes de Mais

A primeira vez que pensei interpretar um sermão do Padre António Vieira foi há cerca de dez anos ao entrar na Igreja dos Congregados, ali na Avenida Central.

Só voltei a pensar nisso quando, no Verão passado, regressei a Braga. Depois, reli vários sermões e misturaram-se tantas motivações que me "obrigaram" a escolher o Sermão da Sexagésima para, de alguma maneira, homenagear o visionário, o poeta, o homem de acção, o lugar excessivo do pensamento e da ideia, o homem que acredita na ficção como verdadeiro sentido para a vida.

E é aqui que o Padre António Vieira tanto se aproxima do teatro. Nada há mais falso que o teatro. Nada há mais verdadeiro que o teatro. E se, historicamente, sabemos que no séc. XVII as pregações tinham substituído as comédias, como ele mesmo diz, este texto é também uma nova poética para uma forma nova de comédia, em que o lugar e o assunto sofreram algumas mudanças.

Estamos condenados ao teatro, à ficção. Então quais são as regras do exercício desta condenação? Qual o papel dos actores? Qual o papel do público? Como se devem organizar os temas da ficção? Qual o papel e como se deve organizar o discurso? Não é esta a tentativa que prosseguimos desde Aristóteles? Alguma vez vamos conseguir resolver estas questões? Dar-lhes as respostas definitivas? Oxalá não! Algumas tentativas que ao longo da

História se erigiram como definitivas foram equívocos do pensamento. Quando alguém tem solução para as questões sem solução (porque o mito de Sísifo não deixa de exprimir a condição humana) é a liberdade e a criatividade que estão ameaçadas, é o devir que pára. E se a ficção pára, o Homem rebenta.

E então o Sermão da Sexagésima?

É um momento fantástico de arte. Histórico. E, como a história e a memória, é uma provocação para um reequacionamento dos mesmos problemas. Com uma enorme vantagem: é um jogo. Como o Teatro. Quase que me atreveria a dizer: como a vida. (E se calhar é por isso que o Teatro está tão próximo da vida: porque é um jogo). Para um actor é uma provocação à respiração do pensamento e das palavras. Uma provocação à corporização do texto escrito.

E para mim, momentânea ou definitivamente metido nestas coisas do Teatro e da Educação, um desafio para dar vida ao que, de outra forma, seria uma chatice escolar. De tudo o que passa pela nossa fantasia e pelo nosso corpo pode-se gostar ou não gostar. Mas não se pode ficar indiferente. Este não é um espectáculo escolar, mas gostava que fosse uma provocação para a leitura dos nossos legados culturais e literários.

António Fonseca

Contra os Pregadores

Vieira deixou-nos há três séculos. Ao convocar a sua palavra através do Sermão da Sexagésima, lembramos um dos mais notáveis escritores de língua portuguesa.

Ler Vieira à luz deste século que agora se prepara para acabar é um dos princípios que nos anima. Não quisemos regressar ao impossível tempo dos anos de Seiscentos. Preferimos avançar desse tempo para o nosso, viajando

através do homem na palavra do mestre. E a sua palavra é de hoje, julgamos perceber!

O sermão de Vieira que se vai estruturando nos labirintos da arte de argumentar, pode não parecer, à partida, um texto teatral. Mas dele se desprende uma teatralidade quase absoluta se atentarmos na profusão e na finura do jogo verbal que entretece uma complexa teia de relações e de sentidos a ponto de se constituir como discurso a duas vozes e, portanto, diálogo directo: entre o que diz e o como diz.

O Sermão da Sexagésima reflecte sobre o próprio sermão. Ao fazê-lo dissecar e interroga os vários elementos que o compõem e estende claramente um complexo espaço de comunicação: o texto propriamente dito, o pregador e os ouvintes. Eis o que é preciso para haver teatro! Eis o necessário para discutir os fundamentos do que se diz e do como se diz. Eis o porquê, a razão, o querer saber por que se pronuncia um discurso ou se prega a um determinado auditório. Finalmente a questão essencial: "Faz fruto a palavra de Deus?", perguntará Vieira. E se fruto não faz, de quem é a culpa?

E numa espiral que não cessa de estontear e de associar os diferentes sentidos, somos obrigados a pensar em todo o tipo de discurso: do político ao artístico, do pedagógico ao religioso. Mas será disto que queremos falar? Ou é a retórica como forma de enquadrar e reiterar o mundo que queremos interrogar?

O excesso de ruído atravessa repetidamente os tempos afirmando um historial de incomunicação. Por vezes, esse ruído é a guerra. O que aflige o mundo. Por aqui, anda também a história: pelo equilíbrio precário que vai gerando a possibilidade da existência humana: pregadores e ouvintes que andam naufragando no mar de registos. A terra toda escrita.

Na promessa de comunicação, o ruído estará ausente. Começa agora a lenta comunhão: o emissor e o receptor apagam-se. O pregador imaterial não é mais o semeador metafórico. A pregação inicia o ciclo do fruto porque os elementos dissolvem-se no anúncio do paraíso. E é de sua natureza não sobressair de nenhum absoluto. E é de sua carne ser a terra de que o espírito se liberta. É de seu género constituir-se em cântico na polifonia dos géneros.

A palavra resiste. Atravessa os séculos contra a barbárie.

O pregar de Vieira faz-se em matéria de palavras e constitui-se em matéria do mundo. A talha que vemos não é a fixa matéria do templo, mas é antes o confluir dos elementos que sustentam e prefiguram os passos do mundo. Nessa pregação há ainda um lugar para o que não pode ser dito num só lugar.

A palavra é como a liberdade de pensar na justiça. Para lá chegar, é necessário percorrer os caminhos da inteligência; é preciso sofrer os exercícios do pensar. É preciso encontrar o outro.

Neste modelo de comunicação quisemos aperceber a sombra de um Império novo. Na retórica julgávamos ter ouvido o divino processo de uma não-retórica. Para evidenciar o que é necessário. O fruto que nasce da semente. A palavra de Deus que as regras organizam, mas cujo sentido atravessa os espaços universais a uma velocidade próxima do destino. Por isso, esta argumentação é um infinito da palavra.

Ao reler Vieira, ao experimentar o Sermão da Sexagésima através do corpo e da voz do actor, quisemos entender melhor o universo e a iminente contemporaneidade do pregador barroco. O génio de Vieira é imenso porque atravessa os tempos, interroga-nos como homens responsáveis do mundo e fá-lo desassombradamente, repartido pelos sentidos, olhos nos olhos como quando se diz o poema. Palavra contra palavra. Ao reflectir sobre o sermão e sobre o estatuto dos intervenientes no "grande espectáculo da vida", Vieira aproxima-se do teatro. Aí fomos encontrá-lo. Nesse lugar mais verdadeiro do que todos onde a palavra e o corpo, o gesto e a voz, o olhar e a luz, ardem em combustão geradora da energia dos encontros. E é do destino de ser canto, o ter medo aos passos humanos. E é do destino de ser canto, a coragem de abrir a porta ao universo. Também por tudo isto se fez este espectáculo.

Eduardo Jorge Madureira Lopes

José Miguel Braga

António Vieira

Ao celebrarmos este ano o 3.º centenário da morte do Padre António Vieira, sentimo-lo ainda vivo entre nós, pela mensagem da sua vida e a riqueza da sua obra. Vieira encheu o século XVII e foi missionário, orador, político, diplomata. E o mais fascinante é a independência generosa do seu génio que, no Brasil, pregava para os índios a liberdade, para os negros a dignidade e o respeito, para os colonos justiça, tentando sempre ajudar a construir uma sociedade mais justa, em nome da Igreja e de Portugal.

Vindo à Europa, a seguir à revolução de 1640, deslumbrou as cortes de Lisboa e, depois, de Roma, com o mesmo sentido de justiça, de tolerância e espírito evangélico, inteiramente dedicado à defesa da pátria. Esquecido de si, advogou intrepidamente os desfavorecidos, os escravizados que, “não nascem para viver, mas nascem para servir”. E amou tão “loucamente” a liberdade e a pátria que, alimentado por esse amor, mas também empolado pelas “profecias visionárias da sua época”, concebeu uma nova ordem universal entre as nações, onde o Papa e o Rei de Portugal seriam os órgãos supremos supranacionais de colaboração e decisão, para que finalmente o mundo, envolvido em constantes guerras, pudesse alcançar a desejada paz universal. Era a expressão cultural do seu segredo interior, transbordante e visionário, que criou o mito do Quinto Império.

O próprio Vieira, ao referir-se ao seu Quinto Império, ao mesmo tempo que sugere tratar-se afinal de um mito, reconhece o valor que representa no ideal da sua vida: “Se é sonho, eu durmo, e se é loucura eu sou louco; e em qualquer destas suposições: quando não haja de ser felicidade para todos, basta que seja alívio e consolação para mim”.

Porque defendeu a liberdade dos índios, sofreu a expulsão dos colonos; porque admitiu o mito português do Bandarra e foi tolerante para com os judeus e cristãos-novos, foi atingido pelas garras sombrias da Inquisição. E quando, depois de longos sacrifícios, perseguições e incompreensões sofridas na Europa, pôde finalmente regressar às missões no Brasil, exclamou: “Se a alegria de entrar no céu tem na terra comparação, foi esta!”

A sua figura de literato e orador ilustre, na literatura não só portuguesa como universal, criou algumas peças oratórias tão vivas e tão geniais que até hoje ainda não foram igualadas. Baste recordar o Sermão da Sexagésima, onde expressa a sua concepção de oratória; o Sermão contra as armas de Holanda, celebrando a vitória e a missão de Portugal; os Sermões do dia de Reis e do Espírito Santo, onde vibra o valor e a riqueza da acção missionária; o Sermão de Santo António aos peixes, onde Vieira demonstra tanto a grandeza da sua força oratória como a independência da sua intenção apostólica. E a sua prosa tão fluente como precisa, certa, imaginária, figurativa, fez dele o clássico "Imperador da Língua Portuguesa" (Fernando Pessoa).

Lúcio Craveiro da Silva



Contra os Pregadores

a partir do Sermão da Sexagésima do Padre António Vieira

Produção: **Conselho Cultural da Universidade do Minho e Biblioteca Pública de Braga.**

Encenação: **António Fonseca.**

Interpretação: **António Fonseca e Cátia Sá Menezes.**

Assistente de Encenação: **José Miguel Braga.**

Direcção Plástica: **Arlindo Fagundes e Fernando Ribeiro**

Desenho de Luz: **Nuno Meira.**

Cartaz: **Amadeu Santos.**

Fotografia: **João Manuel.**

Programa: **Eduardo Jorge Madureira Lopes.**

Secretariado: **Henrique Barreto Nunes.**

Apoios: **Companhia de Teatro de Braga, Escola Secundária de Alberto Sampaio, Livraria Minho, Rádio Universitária do Minho, Teatro Circo e TSF-Rádio Notícias.**